

Os culpados estão rindo

CARLOS CHAGAS

Amanheceu mais forte, hoje, o Congresso? Estará a instituição parlamentar sendo aplaudida nas ruas das pequenas cidades do Amazonas, nas vilas de Mato Grosso ou nos centros operários de São Paulo? Deputados e senadores, ao sair para passear com as crianças, esta manhã, estarão sendo parados por populares sequiosos de abraçá-los e de cumprimentá-los por integrarem o Poder Legislativo? Reunir-se-á a multidão, em Brasília, para ovacinar suas exceções?

Nem pensar. Assim como os problemas continuarão os mesmos, a idéia que a sociedade faz do Legislativo não mudará. Esse o grande erro de perspectiva que acaba de ser cometido pelos presidentes da Câmara e do Senado, ontem personagens obrigatórios na televisão e no rádio, através de indefinido programa onde a mensagem não conseguiu suplantar o meio.

O Congresso não poderia ter colhido pior dia do que a sexta-feira, 13, para vir a público se defender. Pelos vídeos e microfones compulsórios do País, Ulysses Guimarães e José Fragelli fizeram o que puderam, mas não convenceram. Ninguém, aliás, convenceria, especialmente diante do registro de que pouco antes, na Câmara e no Senado, não houve número regulamentar para o funcionamento das sessões. Qualquer pedido de verificação de quórum obrigaria as Mesas a desligar os microfones, apagar as luzes dos plenários e dar as sessões por encerradas. Perderam os dirigentes do Legislativo excelente oportunidade de repetir os versos de Antônio Maria, que um dia escreveu: "Não sei por onde vou, não sei quando vou nem como vou, só sei que não vou por ali". O Congresso foi, e se deu mal.

Nos idos de 1955, depois do impedimento de dois presidentes da República pelo poder militar, perguntaram a Milton Campos como se teria pronunciado caso fosse ministro do Supremo Tribunal Federal e tivesse de julgar o mandado de segurança impetrado por Café Filho para reassumir a Presidência. O velho professor de democracia não vacilou, dizendo que seu voto seria simplíssimo: "Nego porque pede". Referia-se ao fato de que, se um presidente da República, para voltar a ser presidente, precisava de uma decisão do Judiciário, estava óbvio que não era nem poderia ser mais presidente.

A mesma coisa, guardadas as proporções, acontece com o Congresso. Se ele precisa requisitar uma cadeia nacional de rádio e televisão para entrar à força na casa de cada um, justificando-se, mostrando-se e desculpando-se...

Fora os radicais da esquerda e da direita, não haverá em todo o território nacional quem se insurge contra o Poder Legislativo, considerando-o desnecessário, supérfluo ou prejudicial à democracia. Pelo contrário, reconhecem todos a importância de sua existência. Ninguém nega a deputados e senadores os méritos pelo

combate à exceção e ao arbitrio, ocorrido com sucesso em 1984/85, mas travado praticamente desde que a ditadura se estabeleceu entre nós. Se eram poucos, no começo, e menos ainda, no meio, redimiu-se o conjunto, no final. O Congresso não votou a volta às eleições presidenciais diretas, quando deveria ter votado, mas deu a volta por cima ao eleger indiretamente a dupla Tancredo Neves-José Sarney.

Com a Nova República, abriram-se as portas dos porões do regime. A sociedade inteira, não apenas a imprensa, começou a investigar e a denunciar boa parte dos horrores perpetrados. Como das acomodações das maladragens, da corrupção e succédâneos. Haveria que lamentar profundamente se os focos, em determinado momento, também não iluminassem a ribalta parlamentar. Foi o que a imprensa começou a fazer, apontando excessos e exageros, vícios de alguns, ainda que sem jamais investir contra a instituição. E se o reverso da medalha também aparecesse, não haveria o que contestar. Estivesse o Congresso empenhado em radiografar os meios de comunicação, em levantar as acomodações de uns, as espertezas de outros e as falhas deste ou daquele jornal, tudo bem. O material, aliás, seria farto, pois nos anos mais amargos foram poucos os que resistiram. Muitos os que se entregaram. De nenhuma forma se imaginaria estarem os membros do Legislativo desencadeando campanha contra a imprensa, como instituição. Pelo contrário, estariam cooperando para a nova realidade.

Pois foi precisamente isso o que aconteceu. Atacados, os maus parlamentares conseguiram confundir-se com a instituição. Os malandros, os espertinhos, os que se valem da condição parlamentar para satisfazer interesses pessoais e os que deixam de cumprir o dever levaram a maioria a identificar as críticas com ataques ao Legislativo. Nunca a imaginação criadora funcionou tanto, surgindo até a deletéria acusação de que a imprensa estava engajada na tentativa de um golpe, pretendendo anular a vez e a voz do Legislativo. Custa a acreditar que essas coisas acontecem, mas aconteceram.

Por isso, levados a um espírito de corpo absurdo, parlamentares integros, como os presidentes da Câmara e do Senado, perpetraram o maior dos erros. Pela televisão e pelo rádio, ontem, mostraram o que não precisavam mostrar, o Congresso como instituição imprescindível. Confundiram-no com os erros e as falhas dos maus parlamentares. Estes, aliás, continuaram na sombra, aplaudindo a eficácia da manobra, mas nem sequer se comprometendo com ela.

Na noite da sexta-feira, 13, com dentes de alho, estacas de madeira, balas de prata e crucifixos nas mãos, Ulysses Guimarães e José Fragelli pareceram exorcizar e conjurar lobisomens, vampiros e mulas-sem-cabeça. Sem perceber que esses e outros duendes não estavam do lado de lá dos vídeos e microfones, mas postados às suas costas. E rindo.